



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SOBRE ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere tibeta
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 55.

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas

O trabalho.

*Par lui des passions le tumulte s'paise
Les chagrins sont ca més le vice combatu,
Il ajout au plaisir, il nourrit la vertu*
(Delille)

Grandes gabos se há dado a Smith por ter antes de todos os mais Economistas considerado o trabalho material como o primeiro, e unico productor da riqueza: mas releva advertir com o Sr. Ferrier, que o conhecimento desta verdade he tão antigo, como o mundo. Mui exalta lo tem sido tambem o celebre J. B. Say por haver posto na classe dos productores, e dest'arte rehabilitado aos olhos do universo economista os sabios, e trabalhadores da ordem intellectual; e todavia não he certamente moderna esta classificação, alias mui justa. Não pretendo roubar a Smith, e a Say o merito de haverem appresentado com bastante dexteridade, o primeiro a theoria da riqueza produzida pelo trabalho material, o segundo a riqueza resultante do trabalho da intelligencia: mas cumpre attribuir os seus pretendidos descobrimentos ás fontes inexauriveis da Religião, mais antigas sem duvi-

da, que a Economia Politica Inglesa, e principalmente mais puras e verdadeiras.

O trabalho productor nasceo com as precisões do homem. Elle remonta a essa terrivel sentença do Creador offendido pela creatura -- *Comerás o teu pão com o suor de teu rosto* — Em verdade só pelo trabalho he, que o homem desd' então podia escapar aos tormentos da necessidade, e da miseria. Esta necessidade do trabalho applicava-se ao homem solitario: e ainda mais se applicava aos homens reunidos em sociedade, e sempre multiplicados pelo desenvolvimento do principio da população.

A theoria do trabalho, diz o Sr. Comde d'Hauterive, confunde-se com a das precisões: hum he o produto da nossa actividade espontanea, o outro da nossa sensibilidade. As precisões excitão ao trabalho; o trabalho desenvolve as faculdades humanas, e dest'arte adquire o homem os meios de satisfazer as suas precisões. O homem trabalha para satisfazer as suas precisões: todas as leis do seu trabalho estão exceptadas neste

objecto final de exercicio das suas facultades, de maneira que a proporção do seu trabalho está na medida das suas precisões; e esta proporção, e esta medida está fóra do alcance das leis sociaes. A associação do trabalho he o laço, que aproxima, e une os homens: este fim não está na sociedade, senão em a natureza. Se a sociedade tem hum fim proprio, este consiste nas mesmas leis, que a formão. A sociedade existe pela associação dos trabalhos, e não existe, senão para formar esta associação. O trabalho pois he o motor geral de todas as relações da organização social.

Há muito tempo que tem sido percebidos, e indicados estes principios, que confirmão huma porção das theorias de Smith, e seus discipulos, assim como igualmente o crão os proveitos resultantes da divisão do trabalho, e das operações da intelligencia. Platão em o seu segundo Liv. da Republica, querendo expor a origem da cidade, ou da sociedade humana, desenvolve o seu systema economico com huma clareza, e precisão taes, que melhor o não faria hum discipulo de Smith. O interesse reciproco, estabelece elle logo no principio, aproxima os homens huns aos outros, e os leva a reunirem os seus esforços. Ao depois mostra como esta unica ideia devia trazer a divisão dos officios; como cada um veio a fazer melhor aquillo q' fazia per si só; e como deste modo devião todos produzir mais. O commercio para elle he o resultado dos progressos das manufacturas, e d'agricultura; e a liberdade he o primeiro acorçoamento, que elle requer para o commercio. Só do progresso da sociedade faz elle resultar a opulencia d'alguns de seus membros, que se entregão aos prazeres, ou ao estado justamente per que os outros trabalham! A desigualdade dos bens, a alteração da saude, e as precisões crescentes das cidades rivaes o induzem a concluir fim, que deve existir huma população *guardiã*, mantida á custa

do restante do povo, e por huma participação do seu trabalho.

Bem se vé, quanto este grande filosofo, este sabio chamado divino, de todos os pagãos o que mais se chegou ás verdades do Christianismo, tomou a dianteira aos Escriptores, cujas descobertas economicas tão faustosamente se há gabado; pois não só elle soube perceber o principio do poder do trabalho material, e a energia, que este recebe da divisão como tambem a necessidade de hum trabalho moral, e intellectual, indispensavel á conservação das sociedades, e aos progressos da civilização. Todavia bem longe esteve Platão de applicar estes principios a huma civilização puramente material; por que no seu systema a virtude he a base da ordem, e dos progressos da sociedade; a riqueza não he, se não hum meio de felicidade, e não pode ser o fim do destino humano.

Smith, e a sua escola não comprehendirão assim o homem; e o trabalho: elles encaráo os gozos fizicos, como o objecto principal do homem, as riquezas, como o meio de adquirir esses gozos, e o trabalho, como producto da riqueza. Segundo esta theoria releva multiplicar as precisões para excitar o trabalho, e para consequentemente obter maior somma de gozos. Os Economistas Ingleses proclamão a lei do trabalho indefinido, como a lei suprema, sem se lembrarem, que o repouso he tambem huma precisão, e hum gozo, e o fim, a que atirão os homens, que podem passar sem trabalhar. Sem attender ao excesso natural da producção a respeito do consumo, querem produzir pelo mais baixo preço possível; por huma parte procurão augmentar o numero dos trabalhadores; por outra querem diminuir-lhes o emprego dos braços, e por esta manifesta contradicção excitão, e ao mesmo passo desalentão o trabalho.

Facil he julgar d'aquí, que se a Ecconomia Politica Inglesa tem desenvolvido algumas verdades uteis á cerca da ne-

ecessidade, e das vantagens do trabalho, que em verdade he hum thesouro, como diz o bom La Fontaine; há tirado d'ahi consequencias fataes á humanidade, e a moral. Ao exame porém da Filosofia Christã devia o principio do trabalho apparecer debaixo de outra forma.

Primeiramente quando o Creador, punindo o homem, condemnou-o ao trabalho, não o condemnou á miseria, nem lhe prohibio a abastança, a riqueza, e o repouso; pois que estes bens devião resultar necessariamente do trabalho, e da virtude. Em segundo lugar chegando o homem á riqueza, e ao repouso pelo trabalho accumulado, não devia por isso vegetar na inacção. Deos necessariamente tinha previsto, que a multiplicação dos homens, e formação das sociedades farião nascer diversas ordens de trabalhos, assim como o crescimento das riquezas, e a desigualdade das condições trarião deveres novos, e novas virtudes, entre as quaes brilharia a Caridade. Tudo entrou no plano do destino religioso do homem sobre a terra, e o trabalho intellectual devia necessariamente occupar grande lugar, vindo a ser partilha natural dos homens, para quem o trabalho mecanico não era mais condição rigorosa da existencia, ou d'aquelles, a quem a Providencia dotára de hum engenho superior. Deste modo o homem rico pelo trabalho material, aquelle, que herdou bens de seus pais, e o que mais rapidamente desenvolveo a sua intelligencia, saem da classe dos trabalhadores manuaes para se elevar á dos trabalhadores intellectuaes, ou passão ás fileiras da classe *guardiã* da sociedade.

Estas duas ordens de trabalhos estão em perfeita relação com as duas naturezas do homem, que he humra intelligencia envolta em humra casca material, e servida por orgãos físicos. De humra parte o trabalho material ajuda-o a satisfazer as precisões do ente terrestre; de outra os trabalhos da intelligencia favorecem o pendor natural do ente espiri-

ritual á chegar-se progressivamente á sua origem, e a elevar-se para a região, donde foi precipitado. Mas seja qual for a natureza do trabalho imposto ao homem, concebe-se bem, que não pode sem faltar ao seu principio deixar de ser dirigido ao seu destino religioso. O trabalho pois não tem outro objecto verdadeiramente util, se não satisfazer as precisões reaes do homem, ou augmentar-lhe a dignidade, e valor moral. Applicado unicamente a obter prazeres físicos, de necessidade vai parar em precisões facticias, nas superfluidades, e nos gostos estragados; e assim caher na corrupção, no excess-o do luxo, e da miseria. Não há duvida, que os progressos da civilização, e d'abastança fazem nascer novos habitos, os quaes crião precisões reaes: o mesmo luxo he relativo aos tempos, e lugares; mas este deve de vir gradualmente, e não ser produzido, se não por humra repartição mais justa da riqueza.

No estado actual das sociedades há em alguns homens impossibilidade, falta, ou recusa de trabalho. A impossibilidade nasce da fraqueza física, ou moral das molestias, da idade, e da ignorancia; a falta, ou insuficiencia de trabalho provém de circumstancias particulares á direcção da industria, e ao desenvolvimento do principio da população: a recusa de trabalho he fructo da preguiça, ou da immoralidade: estas diversas situações do homem produzem necessariamente a indigencia: a caridade applica-se a cada humra dellas: a Caridade completa, fortifica, e harmoniza a lei suprema do trabalho; e tal he aos olhos da Religião a theoria do trabalho, e da Caridade.

O Sr. Barão de Gérando na sua excellente obra sobre a perfeição moral do homem desenvolveo esta theoria com raro talento, e mui fina sensibilidade. Com muito acerto havia dicto Adam Smith, que o trabalho conduz á felicidade; o Sr. de Gérando completa este

pensamento, provando, que o trabalho he huma virtude.

*Reflexões a cerca da Republica
Palhaça de Piratinim.*

Quando chegarão a desenganar-se certos loucos, ou velhacos, que o Brazil não pode ser regido democraticamente? Quando ficarão quietos, e desencançados de que só nos convêm a Monarchia Constitucional Representativa? Entre tanto está-se mettendo pelos olhos de qual quer, ainda o mais miope, que há por todo o Imperio moquecos espectralões, que solapadamente trabalham por aluir o Throno, e sobre as suas sanguinolentas ruinas levantar o estandarte da Democracia, rompendo a unidade da Grande Familia Brasileira, dividindo, e subdividindo as Provincias, em cada huma das quaes contão ser caudilhos, e Dictadores: miseros! que não reflectem, que as Revoluções á maneira do Saturno da Mythologia devorão os seus proprios filhos.

A minoridade do Snr. D. Pedro 2.^o he no pensar dos taes Republicueiros, o ensejo favoravel de effectuar a revolta geral, já encetada nos dous pontos extremos do Imperio. Pará, e Rio Grande do Sul; esperando seguramente que a labareda republicana se vá ateando para o centro, e dentro de poucos annos esteja todo o Brazil retalhado, dilacerado, e espatifados em inumeras parcialidades chamadas Estados, e todos destruindo-se na voragem do roubo, da carnicina, e dos maiores horrores da guerra civil. Os mantenedores da desordem, imbandindo o credulo povo com promessas de grandes felicidades, e ao mesmo passo dando todo o poderio á canalha, aos malfeitos, &c. para sustentarem a tal camara optica de Republica, não se descuidarão de ir enfiando o que podessem, promptis a qual quer contratempo para pôr os pés em polvorosa; quem escamotegando se para o *Mercatudo* (os Estados Unidos) quem para Londres, quem para Pariz, onde irião desfructar o que empolgarão, e rir dos tollinhos, que nelles se fiarão, e cá ficão chorando a sua desgraça, a de sua familia, &c.

Assentemos de huma vez para sempre, á vista de tantas provas, e escaementados da experiencia, que todas essas idéas de reformas, e

mais reformas, de utopias, de progressos instantaneos &c. não tem outro fito, se não o roubo: quem não tem nada; por que sempre foi vadio, ou por que desbarateou e que seus pais lhe deixarão, ou por que galeou, jogou, &c. não pode accomodár-se com as suas tristes circumstancias; e por isso quer perturbar tudo, a ver, se nas agoas envoltas pesca peixe grosso. Este he, que he o patriotismo de muitos, esta he toda a mira dos nossos republicueiros.

O espirito demagogico tem ganhado entre nós muito terreno, e bem se pode dizer, que desde 7 de Abril de 1831 temos sido governados por huma Democracia sob a mascara de Monarchia. Os saudaveis prestigios do Throno quasi tem desaparecido do meio de nós. He preciso pois Monarquizar o Brazil; he preciso, q' todos os bons Brasileiros se coloquem em torno do Throno do nosso Joven D. Pedro a fim de o conso idarem, e de q' elle seja o garante da publica felicidade: he preciso em fim q' termine por huma vez o predominio de tanto *pau de laranjeira* e que tomem o temão dos negocios da Patria os homens probos, as verdadeiras notabilidades do Brazil. He preciso mais que tudo acorçoar, e dar a devida importancia á Santa Religião de nossos Pais, que se acha tão abandonada, tão vilipendiada pelo *Sanculotismo*, que tem tomado a iniciativa dos nossos negocios. Unão-se os homens de bens; e veremos, que se desvanecem, como bolhas de sabão a Republica palhaça de Piratinim, e quantas Republicas loucas quizerem aparecer no Imperio da Santa Cruz;

VARIEDADE.

Hum doudo, q' se conservára por muito tempo no Hospital, por ultimo a rogos de alguns amigos, que delle se compadeção, foi d'ali tirado, e dado por bom, e consequentemente entrou na administração de seus mai diminutos bens: a principio muitos o consideravão são, e perfeito em seu juizo, quando huma tarde entrando em hum botequim bastante cheio de gente, cortejou a todos, e disse. " Parece-me, que Vms. ainda me não ouvirão cantar de gallo ": e immediatamente batendo com os bracos nas pernas poz-se a arremedar o gallo -- *Cô cô rô cô --*; e d'ahi por diante não havia loja, botica, esquina, &c. em que não cantasse de gallo. Assentarão todos, que o homem nunca esteve em seu juizo, e cuidarão de o pôr outra vez no Hospital.